

A força da tradição militar

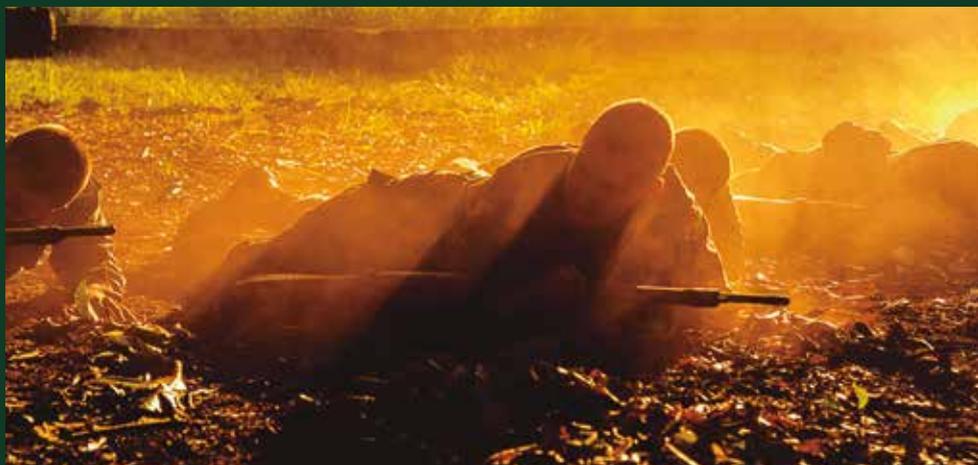
Maj R/1 Edgley Pereira de Paula

“A farda não é uma veste (...) dificilmente se arrancará de cima de nossas almas.”

O século XIX marca a emergência do profissionalismo militar. O Estado prussiano inaugura esse processo. Os prussianos foram os primeiros a abolir distinções sociais no acesso ao corpo de oficiais, o que abriu caminho para critérios de ingresso na instituição pautados na educação geral e em saberes específicos que, uma vez inseridos, alteraram a promoção na carreira por merecimento e desempenho funcional.

Foi ainda a primeira nação a investir fortemente no estabelecimento e valorização social das organizações formativas militares e no sistema aprimorado e eficiente de Estado-Maior. Não por acaso, foi ainda um prussiano, Karl von Clausewitz, com sua obra clássica *Da Guerra*, que forneceu as bases teóricas para a profissão e para uma nova forma de pensar a guerra moderna, agora patriótica.

Nessa perspectiva, a sagração do guerreiro ocorre, e só pode ocorrer, no altar da pátria, onde a bandeira nacional paira como ícone supremo. A sua defesa tanto justifica tirar a vida do outro quanto permite morrer de forma gloriosa.



No decorrer dos séculos, a competição entre Estados possibilitou a criação de um corpo permanente de especialistas, com reconhecida utilidade social e política, dedicados aos interesses da segurança militar da Nação. De certo, esse foi o aspecto determinante para o término do monopólio dos nobres no corpo de oficiais, típico do Antigo Regime.

A partir dessa nova conjuntura abriu-se a possibilidade de recrutamento em todas as camadas sociais, haja vista a ideia, ainda tão cara às Forças Armadas, da representatividade nacional.

Em termos históricos, o processo de centralização do poder do Estado enfraqueceu gradualmente os centros de poder locais e possibilitou o desenvolvimento de lealdades e sentidos de pertença que transcenderam o limitado caráter provincial. Para o corpo de oficiais de carreira das academias militares, tal enfraquecimento gerou as condições do reconhecimento de uma única fonte de autoridade sobre o estabelecimento militar, aceita como materialização da autoridade da nação, porta de entrada para a progressiva despolitização deste grupo; sobressaindo, assim, ideais técnico-profissionais em detrimento dos valores políticos locais.

É nesse sentido que o disciplinado combatente serve ao Estado, mas pertence espiritualmente à Nação e, como seu defensor, deve ser remunerado e respeitado. Para tanto, exige-se do moderno soldado dedicação de grande parte de sua vida profissional à escolaridade técnico-formativa. Ao longo de toda sua carreira, o profissional militar terá que passar por diversos cursos, cuja conclusão e aprovação o qualificam para as devidas promoções.

A fim de que possa almejar e alcançar o topo de sua profissão, é imprescindível que ele tenha conhecimento do desenvolvimento das capacidades e competências de organizar e dirigir forças militares. Fundamentalmente, esse jovem militar deverá se apropriar de valores e tradições institucionais que promovam seu pertencimento a um corpo social específico.

Logo, ao ingressar nas Forças Armadas, o homem ou a mulher se tornam herdeiros de um conjunto simbólico identificador da organização, composto por práticas, representações e discursos, expressos em cerimônias, liturgias e no culto à história e às tradições que geram, no dia a dia castrense, um sentimento comum de identidade e de laços de solidariedade entre seus integrantes, uma típica cultura militar que, uma vez incorporada, será norteadora das condutas individuais e coletivas no campo social, de forma permanente.

“

Assim, estabelecidos os princípios da ética militar, da hierarquia, da disciplina e da sã camaradagem, entre seus componentes, forma-se um espírito de corpo, que irá determinar uma inteligibilidade para todo universo militar, desde suas relações formais até as relações entre militares para além da própria cadeia de comando.

”

No Brasil, temos algo bastante especial, pois a própria História do Exército confunde-se com a construção do Estado Brasileiro. Desde o limiar de nossa expansão além Tordesilhas, da expulsão de estrangeiros de nossa Terra, da pacificação do Império até sua consolidação nas lutas platinas e do advento da República, a figura do “soldado” foi elemento determinante nos rumos que a Nação trilhou.

“

O conhecimento dos valores, das crenças, das memórias e das tradições do Exército Brasileiro é de suma importância para os integrantes da Força, ele é o amálgama que, enfim, faz com que a farda se transforme, nas palavras do saudoso General Octávio Costa, em “(...) outra pele que, uma vez definitivamente incorporada pelos compromissos que assumimos, dificilmente se arrancará de cima de nossas almas”.

”

É o que, de fato, caracteriza essa cultura militar que, uma vez percebida e vivificada, se fortalece, indissolavelmente, nas práticas e representações do dia a dia nos Estabelecimentos de Ensino e nos Corpos de Tropa.



